

Fundamentos da
teologia da igreja



CARLOS CALDAS

Fundamentos da
teologia da igreja



Editora Mundo Cristão
São Paulo

FUNDAMENTOS DA TEOLOGIA DA IGREJA

Categoria: Teologia / Referência

Copyright © 2007, por Carlos Ribeiro Caldas Filho

Editora responsável: Sílvia Justino

Editor assistente: Aldo Menezes

Revisão de provas: Theófilo Vieira

Supervisão de produção: Lilian Melo

Colaboração: Miriam de Assis

Capa: Douglas Lucas

Crédito da imagem: ImageState/Alamy

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caldas, Carlos

Fundamentos da teologia da Igreja/ Carlos Caldas — São Paulo : Mundo Cristão, 2007. — (Coleção teologia brasileira).

Bibliografia.

ISBN 978-85-7325-482-2

1. Cristianismo 2. Igreja 3. Teologia I. Título. II. Série

07-4468

CDD-262

Índice para catálogo sistemático

1. Igreja : Eclesiologia : Teologia cristã 262

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

Rua Antonio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil – CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147 – Home page: www.mundocristao.com.br

Editora associada a:

- Associação de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em julho de 2007.

Impresso no Brasil

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

07 08 09 10 11 12 13 14 15

À memória de meu pai, Carlos Ribeiro Caldas (1931-2007). Com minha mãe, ele me levou à igreja quando eu ainda era bebê e me ensinou a amar e a valorizar a comunhão com o povo de Deus.

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Introdução</i>	11
1. As bases da eclesiologia	15
2. As marcas da Igreja	23
3. A dinâmica da Igreja	45
4. O crescimento da Igreja	63
5. O governo da Igreja	73
6. A Igreja, o reino de Deus e o mundo	85
<i>Conclusão</i>	95
<i>Bibliografia de consulta sugerida</i>	97
<i>Bibliografia</i>	99
<i>Sobre o autor</i>	105

Agradecimentos

EXPRESSO MINHA gratidão aos professores doutores Ricardo Quadros Gouvêa e Hermisten Maia Pereira da Costa, ambos colegas de docência na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em conversas informais, mas proveitosas e oportunas, esses amigos teólogos me deram indicações bibliográficas de alguns temas tratados neste livro e sugestões de como abordá-las.

Introdução

POUCAS FRASES EXPRESSAM TÃO bem o que é a Igreja como esta: “A Igreja é como a arca de Noé — se não fosse a tempestade lá fora, não seria possível suportar o cheiro dentro dela”.¹

Ao contrário do que alguns pensam, a Igreja não é o agrupamento de pessoas perfeitas, mas a reunião de pecadores salvos pela graça de Deus. Não são salvos porque deixaram de pecar, nem deixaram de pecar porque foram salvos. Para muitos, contudo, o que sobressai é o fato de ainda serem pecadores.

Nesse ajuntamento há mescla de joio e trigo, que, embora parecidos, são essencialmente diferentes. Como diziam antigos teólogos, a Igreja é um *corpus permixtum*: um corpo em que santos e pecadores se misturam. Isso explica o caráter paradoxal da Igreja ao longo dos séculos: ao mesmo tempo que é responsável por denunciar o mal e a injustiça e por prestar serviços humanitários, também é acusada de ser violenta e de cometer erros crassos.

Diante disso, uma reflexão teológica crítica a respeito da Igreja se faz necessária. Outra razão relevante: ela é preciosa e importante para Deus: “Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5:25). Ele a comprou com seu sangue (At 19:28; 1Pe 1:17-21).

Há muitas metáforas ou expressões relativas à Igreja nas Escrituras: “sal da terra”, “luz do mundo”, “carta de Cristo”, “ramos da videira verdadeira”, “noiva de Cristo”, “Israel de Deus”, “remanescente”, “raça

¹ Texto medieval citado por Bruce SHELLEY em *A igreja: povo de Deus*, p. 31.

eleita”, “sacerdócio real”, “nação santa”, “povo de propriedade exclusiva de Deus”, “corpo de Cristo”, “casa de Deus”, “coluna e baluarte da verdade”, “igreja do Deus vivo”, “servos de Cristo”, “lavoura e edifício de Deus” etc. Essas imagens apontam para a importância da Igreja, não como instituição, mas como comunidade dos chamados por Deus para serem seguidores de Jesus Cristo no mundo.

No período patrístico, pastores e pensadores cristãos criaram estas metáforas: “numerosa descendência de Abraão” e “única comunidade da fé” (Ireneu), “santuário do Espírito Santo” (Orígenes) e “barca da fé” (Gregório Nazianzeno). Os escolásticos cunharam a expressão “congregação (ou assembléia) dos fiéis”. João Calvino, influenciado por Cipriano de Cartago, via a Igreja como “mãe” dos crentes. Não é de admirar que os antigos tenham elaborado a frase *Unus christianus nullus christianus* (um cristão não é cristão), que pode ser parafraseada: “Um cristão desvinculado de uma comunidade de fé não é cristão”, ou seja, não existe cristianismo sem Igreja.

Este livro apresenta os fundamentos da eclesiologia (a doutrina da Igreja). É uma reflexão crítica à luz das Escrituras.

Os textos que pretendem pensar teologicamente a Igreja em perspectiva evangélica são escassos. Algumas vezes há divórcio entre Igreja e reflexão teológica, o que é contradição de termos, pois uma teologia saudável deve nascer na Igreja e ser formulada com base em suas necessidades. O modelo fundamental é o do apóstolo Paulo, que jamais produziu teologia desvinculada das situações e necessidades contextuais, concretas e específicas das igrejas às quais suas epístolas eram dirigidas. O mesmo ocorre com as demais epístolas e Apocalipse.

É preciso superar a desconfiança em relação à reflexão teológica e aos teólogos da parte de alguns pastores e membros de igrejas, bem como o desprezo de alguns teólogos à Igreja. O teólogo deve se envolver e se comprometer com a Igreja, e esta, com a reflexão teológica. Que este livro contribua, ainda que modestamente, a esse debate.

O método empregado é simples. Em primeiro lugar, parte-se do texto bíblico. Em segundo, vem a opinião dos pais da Igreja, dos reformadores e de teólogos contemporâneos. É uma tentativa de diálogo entre as Escrituras e a tradição teológica produzida em dois

milênios do pensamento cristão. Ouvir a voz dos que pensaram a Igreja e outras questões da vida cristã com temor de Deus, seriedade e profundidade é um exercício de vivenciar a comunhão dos santos.

A perspectiva teológica desta reflexão é cristã e evangélica. A intenção é apresentar os fundamentos da teologia da Igreja da forma mais “ecumênica” possível (não no sentido caricato e popular de “ecumênico”: a defesa da união das igrejas em uma única superestrutura; nem no sentido de “teologicamente liberal”). Emprego esse termo no bom sentido: apresentar fundamentação bíblica que possa ser útil aos membros de diversas denominações. O que se pretende é que anglicanos, batistas, congregacionais, luteranos, metodistas, presbiterianos e outros possam encontrar orientação bíblicamente embasadas sobre os fundamentos teológicos da Igreja.

Este livro não tem a intenção de esgotar o tema. Não aborda assuntos como a estrutura organizacional da Igreja ou a relação Igreja—Estado, ou ainda o problema do relacionamento Igreja—Israel. Questões polêmicas como a defesa de determinado modelo de governo eclesiástico ou de determinada forma de batismo foram evitadas. Trata-se de uma obra seletiva, que apresenta o essencial, e com isso mantém coerência com os propósitos da Coleção Teologia Brasileira.

É óbvio que essas questões são importantes, e por isso foram mencionadas por alto ao longo do livro, mas devido ao caráter polêmico não foram desenvolvidas e esmiuçadas. A perspectiva aqui é mais construtiva que beligerante, e tem por princípio o respeito à alteridade e à consciência de que, no decorrer da história, o Senhor da Igreja tem abençoado ministérios aspersionistas e imersionistas, pedobatistas e antipedobatistas, de igrejas administradas pelas mais variadas formas de governo.

Poucos assuntos teológicos demandam estudo sério, e, quem sabe, até mesmo uma revisão, como o tema Igreja. A confusão é impressionante devido ao admirável crescimento das igrejas evangélicas.

Falta também uma proposta clara sobre o que significa ser igreja à luz das Escrituras. Isto não atinge apenas comunidades que nasceram “ontem”. Aquelas associadas às denominações “históricas” acabam sucumbindo a várias tentações e abrem mão da identidade confessional

e litúrgica, aderindo a modismos e a tendências. Também é visível que muitas dessas comunidades são orientadas mais por princípios mercadológicos e empresariais que por princípios bíblicos.

Diante desse cenário, propõe-se uma solução simples: retomar o que as Escrituras ensinam sobre a Igreja. Não se trata de reinventar a roda nem de querer ser inédito.

A fim de atingir esse objetivo, o livro está organizado da seguinte maneira:

- O capítulo 1 apresenta as bases da teologia da Igreja. A partir da metáfora da Igreja como Corpo de Cristo, desenvolve-se uma reflexão eclesiológica com base no ensino bíblico sobre a pessoa e a obra de Jesus e do Espírito Santo.
- O capítulo 2 aborda as marcas teológicas da Igreja, conforme a definição do Concílio de Constantinopla e de acordo com a visão dos reformadores protestantes do século XVI.
- O capítulo 3 trata da dinâmica da Igreja e propõe, à luz das Escrituras, como ela deve desempenhar sua missão.
- O capítulo 4 discorre a respeito do crescimento da Igreja e expõe a história do Movimento de Crescimento de Igreja (MCI), além de uma crítica a esse sistema. A Teoria do Crescimento Integral da Igreja, formulada pelo teólogo Orlando Costas, é posta em evidência.
- O capítulo 5 versa sobre o governo da Igreja. São apresetadas diferentes possibilidades de entendimento em relação a como deve ser esse governo, com destaque para pontos positivos e potenciais pontos problemáticos de cada modelo.
- O capítulo 6, por último, apresenta considerações acerca de como deve ser o relacionamento da Igreja com o reino de Deus e o mundo.

As bases da eclesiologia

ECLESIOLOGIA É A MODALIDADE da teologia que estuda os assuntos concernentes à Igreja.

A Igreja não é um clube ou um ajuntamento social (se fosse, a sociologia e o estudo da administração de empresas seriam suficientes para interpretá-la). Ela é uma realidade espiritual. Por isso, é preciso um referencial transcendental para explicá-la. Esse referencial, em sentido bíblico, é a cristologia (doutrina sobre a pessoa e a ação de Deus Filho, Jesus Cristo) e a pneumatologia (doutrina acerca da pessoa e da ação de Deus Espírito Santo).

Outro ponto importante é a metáfora da Igreja como Corpo de Cristo. A expressão não aparece nos evangelhos nem em Atos, mas em vários textos do apóstolo Paulo (Rm 12:5; Ef 1:22-23; 5:30; Cl 1:18,24 etc.). Ser o “Corpo de Cristo” no mundo não é apenas um privilégio, mas uma grande responsabilidade.

Mas, à luz das Escrituras, o que exatamente significa ser “Corpo de Cristo”? É o que veremos a seguir.

UNIDADE ORGÂNICA NA QUAL TODOS TÊM UMA FUNÇÃO

O ensino apostólico sobre o aspecto orgânico da Igreja encontra-se em 1Coríntios 12:12ss. Com base no funcionamento dos membros e órgãos do corpo humano, Paulo ensina o ideal divino para a Igreja: todos os cristãos devem trabalhar; individualmente, cada um tem uma função ou responsabilidade a cumprir. De maneira inovadora, ele afirma que não somos membros de qualquer corpo, mas do Corpo de Cristo (v. 27; cf. tb. Ef 4:12,15-16; 5:29b-30).

Nesse Corpo, não há membro mais importante que outro; nenhum é dispensável, nem mesmo os considerados mais fracos ou até mesmo desprezíveis (v. 14-22). Em Romanos 12:5, Paulo segue a mesma linha de raciocínio: as capacidades são diferentes, mas todas são importantes, porque são originadas na mesma fonte: Cristo. A diversidade produz inestimável riqueza e, como diz certa expressão contemporânea, “agrega valor” ao Corpo.

A Igreja precisa (re)descobrir isso com urgência. Onde não se enfatiza o ensino bíblico da Igreja como Corpo de Cristo, os cultos são transformados em *shows*, megaigrejas são valorizadas (nestas, é praticamente impossível o crescimento espiritual de todos os membros, bem como falta espaço para todos trabalharem) e apenas o carisma do líder é valorizado.

Contra essas tendências que seguem uma lógica mais mundana e secularizada que bíblica e espiritual, é preciso ressaltar com veemência o ensino da Igreja como organismo vivo, cujo cabeça é o Senhor Jesus, e não como organização mercantilista.

É fato que nem todos executam funções na Igreja. Todavia, é inegável que cada membro tem um papel a desempenhar, visando ao bem-estar e à saúde do Corpo de Cristo.

Alguns, mesmo sinceros na fé, se dizem incapacitados de cumprir tarefas na Igreja. Quem pensa assim precisa descobrir sua verdadeira capacidade. Como? Pelo serviço — e não mediante testes psicotécnicos e preenchimento de formulários, como alguns especialistas em crescimento de igreja sugerem. Basta se envolver em um ministério ou uma atividade da igreja. Na ocupação que se sentir bem, será aquela, provavelmente, para que foi comissionado por Cristo. Quando todos trabalham, o Corpo desenvolve saúde, e aí então pode crescer de maneira integral. Conforme o pensamento de John Mackay:

Quando todos os “santos” tomam a sério a sua chamada à santidade, expressando no pensamento e na vida tudo quanto é implicado no pertencer-se a Jesus Cristo, verdadeiramente será edificada a Igreja, que é o Corpo de Cristo. Cada um dos membros estará de saúde perfeita e perfeitamente desempenhará a sua função especial. Então,

sob a direção dos líderes por Cristo indicados, e pela congregação reconhecidos, para conduzirem a vida da Igreja, o Corpo, como um todo, funcionará harmoniosamente, em obediência a Cristo, e estará equipado para o serviço coletivo de Cristo.¹

“A PLENITUDE DAQUELE QUE A TUDO ENCHE EM TODAS AS COISAS”

A expressão *Corpo de Cristo* também aparece em Efésios 1, mas seu emprego difere completamente de Romanos e 1Coríntios (e mesmo de Efésios 4—5). Em Romanos e 1Coríntios a ênfase incide sobre o aspecto comunitário da Igreja, mas em Efésios 1 parece que recai na perspectiva cósmica do Corpo de Cristo: “E [Deus] pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu [isto é, Cristo] à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (v. 22-23). Essa afirmação é de difícil compreensão (não é de admirar as diversas tentativas de interpretá-la). O biblista Luís Alonso Schökel aponta algumas:

- a) A Igreja sujeito plenifica, completa Cristo, como o corpo completa a cabeça; Cristo plenifica tudo. b) A Igreja está cheia de Cristo, o qual [plenifica tudo]. c) A Igreja está cheia daquele que Deus plenificou com sua plenitude (Jo 1,14.16; Cl 1,18-19).²

Não pretendemos oferecer uma explicação definitiva dessa passagem. Antes, indicamos pistas para a interpretação desse texto-chave para a compreensão do conceito bíblico de Corpo de Cristo.

O que está claro no texto é o senhorio de Jesus Cristo sobre toda e qualquer realidade, visível ou invisível, material ou espiritual, celeste ou terrestre, angélica ou demoníaca, boa ou má. O Messias é apresentado como Senhor absoluto, acima de tudo e de todos, superior a toda e qualquer autoridade em cada área do universo. Ele é o cabeça tanto do cosmos como da Igreja. Nas palavras do teólogo John Stott:

¹ *A ordem de Deus e a desordem do homem*, p. 119.

² *A Bíblia do Peregrino* (comentário a Efésios 1:22-23).

... aquele pois a quem Deus deu à igreja para ser seu cabeça, já era cabeça do universo. Logo, tanto o universo quanto a igreja têm em Jesus Cristo o mesmo cabeça.³

Ele também sugere que Efésios 1:23, ao associar o Corpo de Cristo com sua plenitude, faz “descrições sucessivas da igreja”:

Estando estes dois quadros em oposição, é natural esperar que os dois ilustrem pelo menos uma verdade semelhante, a saber: o governo de Cristo sobre a sua igreja. A igreja é o seu *corpo* (ele a dirige); a igreja é sua *plenitude* (ele a enche). Além disso, os dois quadros ensinam o duplo domínio de Cristo sobre o universo e sobre a igreja. Se por um lado Deus deu Cristo à igreja como cabeça-sobre-todas-as-coisas (v. 22), por outro a igreja é enchida por Cristo que também enche todas as coisas (v. 23).⁴

A Igreja, ao longo da história, tem sido perseguida e humilhada. Não obstante, sua honra é maior que se pode imaginar, maior que qualquer outra instituição na terra poderia dispor; afinal, a Igreja tem como cabeça aquele que é o cabeça do cosmos.

O ESPÍRITO E A IGREJA

Com a cristologia, a pneumatologia é base para a produção da teologia eclesiológica. A Igreja é formada por seguidores de Jesus, que se submetem ao seu senhorio, e ninguém confessa a Jesus Cristo como Senhor da sua vida a não ser pela ação do Espírito Santo (1Co 12:3). Por isso, a Igreja é uma comunidade pneumatológica.

Na teologia contemporânea, Jürgen Moltmann se destaca por sua reflexão sobre a Igreja como comunidade pneumatológica:

A Igreja como comunidade de pecadores justificados, a comunhão dos libertados por Cristo, que experimenta a salvação e vive em ação de graças, está a caminho de cumprir o significado da história de

³ *A mensagem de Efésios*, p. 37.

⁴ *Idem*, p. 41.

Cristo. Com seus olhos fixos em Cristo, [ela] vive no Espírito Santo e então é em si mesma o início e o desejo ardente do futuro da nova criação. [Ela] proclama a Cristo somente; mas o fato de a Igreja proclamá-lo já é sinal de esperança [...] Na ceia do Senhor a Igreja relembra a morte de Cristo e a faz presente, o que leva à vida, e esse fato é uma antecipação da paz por vir. A Igreja confessa Jesus, o crucificado, como Senhor, mas o reino de Deus é antecipado nessa confissão [...] A comunidade e a comunhão de Cristo [com a] Igreja acontecem “no Espírito Santo” [...] Como comunidade histórica de Cristo, por conseguinte, a igreja é a criação escatológica do Espírito.⁵

A ação do Espírito Santo como doador de dons espirituais (carismas) aos membros do Corpo de Cristo é especialmente apresentada em 1Coríntios 12. O dom espiritual é a capacitação para a realização de um ministério no Corpo. Essa ação tem objetivo duplo:

1. Promover a saúde do Corpo — a saúde não está diretamente relacionada ao saldo bancário, nem depende dele, ou à imponência arquitetônica do templo onde a Igreja se reúne; está associada, sim, ao pleno exercício dos ministérios pelos membros, e só acontece quando os dons do Espírito são vivenciados.
2. Glorificar a Cristo, Senhor da Igreja — Cristo é glorificado quando seus seguidores vivenciam a experiência de ser Igreja com base nos direcionamentos bíblicos. Uma das possibilidades está na prática dos dons do Espírito (cf. Jo 16:13-14a).

A igreja evangélica brasileira sofreu com muitas discussões e debates sobre o tema dos dons espirituais nos anos 1970 e parte da década de 1980. Era candente e intensa a discussão sobre que dons seriam os mais importantes, sobre a contemporaneidade ou a cessação de alguns dons e sobre temas relacionados. Evangélicos carismáticos ou pentecostais e evangélicos “tradicionais” acusavam-se mutuamente de incorreção teológica e de praticarem uma interpretação bíblica

⁵ *The Church in the Power of the Spirit*, p. 33.

equivocada. Atualmente não se vê a mesma polêmica. A ascensão do neopentecostalismo a partir da década de 1990 deslocou o foco da discussão para a busca de bênçãos materiais, por influência da teologia da prosperidade. Pentecostais e carismáticos clássicos perderam muito de sua visibilidade.

A discussão teológica e o debate sobre métodos corretos de interpretação bíblica têm o seu lugar, caso objetivem orientar o povo de Deus na melhor maneira de seguir e servir a Jesus, e, evidentemente, desde que não promovam a glória de homens nem descambem para agressões desnecessárias. Muito mais importante é usar os dons do Espírito Santo para a edificação do Corpo de Cristo, o serviço aos necessitados, a promoção da justiça e a glória do Senhor da Igreja.

Uma reflexão sobre a pneumatologia como base para a eclesiologia não pode deixar de mencionar a ação do Espírito como motivador, incentivador e energizador da ação missionária da Igreja. Ele é a fonte de poder para o testemunho dos seguidores de Jesus a respeito de seu Senhor (At 1:8). Além disso, o Espírito guia e orienta a Igreja no exercício da missão (cf. At 13:1-3). A direção e a capacitação do Espírito são muito mais importantes que recursos financeiros ou tecnológicos.

Refletindo sobre essa questão, David Watson afirma:

O Espírito Santo nunca será preso ou encapsulado nas minúsculas categorias de nossa mente pequenina. Ele é o Espírito do Deus eterno, cuja preocupação primária consiste em que o povo de Deus se envolva com a tarefa da missão; e lamentavelmente essa preocupação ou iniciativa nem sempre será encontrada entre a liderança da igreja. Em seu lugar pode haver reprovação ou até mesmo oposição ao zelo missionário do Espírito. Não é de admirar que muito da motivação e dos métodos da evangelização de hoje deixem a desejar. Mas precisamos uma vez mais da perspectiva da igreja primitiva, que estava tão inflamada pelo Espírito da missão, que se regozijavam sempre que Cristo era proclamado (Fp 1:18).⁶

⁶ *I Believe in the Church*, p. 174.

RECAPITULANDO

1. O que é eclesiologia?
2. Quais são as bases da eclesiologia?
3. Do ponto de vista bíblico, o que significa a expressão “Corpo de Cristo” aplicada à igreja?
4. Qual é a importância da cristologia para a formulação da eclesiologia?
5. Qual é a importância da pneumatologia para a formulação da eclesiologia?
6. Comente sobre a ação do Espírito como motivador e capacitador para o exercício da missão da igreja.